

---

## Por um outro jornalismo: afeto e pertença das e com fontes locais no fazer jornalístico da Agência Amazônia Real<sup>1</sup>

Ingrid Gomes BASSI<sup>2</sup> – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Pará, Brasil  
Cicilia Maria Krohling PERUZZO<sup>3</sup> – Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil e  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**RESUMO:** A Agência Amazônia Real realiza cobertura jornalística do território amazônico de forma independente e contextual, a partir de notícias, reportagens, entrevistas e texto opinativos. Para esta pesquisa o objetivo é analisar as publicações do gênero informativo no ano de 2024, a partir da metodologia de análise de conteúdo com o foco na categoria de fontes (depoimentos e entrevistas). A pesquisa é de caráter qualitativo e de amostragem por conveniência. Como contribuições da pesquisa, apontamos pertença das fontes entrevistadas com o local onde moram, fator socioafetivo que distancia a representação da Amazônia de um local de permanência e exploração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo na Amazônia; Agência Amazônia Real; Pertença ao local; Contar a história; Outro Jornalismo.

### 1 INTRODUÇÃO

Agência de Notícias Amazônia Real é um veículo de comunicação independente, financeiramente mantida por recursos de doações, editais e fundações. Dentre essas instituições, destaca-se a Fundação Ford, por meio da iniciativa “Aliança pelo Clima e Uso da Terra” (CLUA), além de outros parceiros diretos e projetos socioambientais. Iniciada em 2013, a Agência tem como missão realizar um “Jornalismo independente e investigativo que dá visibilidade às populações e questões da Amazônia” (AMAZÔNIA REAL, 2024, on-line). A cobertura noticiosa da Agência contempla o perímetro da Amazônia Legal brasileira, e foi criada pelas jornalistas Katia Brasil e Elaize Farias. As editorias abarcam: Meio Ambiente, Povos Indígenas, Questão Agrária, Política, Economia & Negócios e Cultura. Para esta pesquisa o foco são os sujeitos entrevistados para as notícias, reportagens e entrevistas. Portanto, os objetivos são situar as características do tipo de jornalismo feito por esse meio de comunicação e analisar o papel das fontes entrevistadas no texto jornalístico, como sujeitos contextuais de onde falam e problematizam seus depoimentos.

Posto isso, a questão de pesquisa norteadora deste trabalho é verificar o papel do jornalismo pela Agência, ao trazer entrevistas com sujeitos locais, os quais comumente apresentam pertencimento e afeto ao local. São locais distantes de Manaus onde é a sede

---

<sup>1</sup> Resumo expandido apresentado ao **GP 09 Comunicação, Alteridade e Diversidade**, no XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social (Umesp), Professora Adjunta na Facom (Unifesspa), [ingrid.bassi@unifesspa.edu.br](mailto:ingrid.bassi@unifesspa.edu.br).

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação Social (USP), Professora Visitante nos PPGCOM da UERJ, UFBA e UFES, [cicilia.peruzzo@gmail.com](mailto:cicilia.peruzzo@gmail.com).

da Agência, e muitas vezes o acesso é via rios ou de avião/helicóptero. Desta forma os jornalistas quando não conseguem se locomover ao local encontram meios e contatos em rede para se comunicarem com essas fontes locais. A Amazônia e em alguns outros territórios pelo país apresentam essas dificuldades no acesso *in loco*, e para a prática jornalística é temerário construir o texto jornalístico apenas com fontes oficiais e/ou de especialistas – o que tem acontecido, muitas vezes, no jornalismo tradicional ao se reportarem sobre a Amazônia.

A Agência Amazônia Real ao passo que cria pontes de acesso às histórias locais contadas pelo seu próprio protagonismo também encontra na região amazônica o pertencimento ao território por muitos amazônidas, fator que destoa da condição de exploração de muitas empresas, multinacionais, grandes projetos, agropecuária, mineração, garimpo e até mesmo extrativismo de forma ilegal. Esse conflito de interesses é contextualizado pela Agência, com espaço para o amazônida contar a sua perspectiva. As histórias contadas pelas fontes primárias têm feito a diferença sobre o que sabemos da Amazônia. Por este jornalismo, assim, verificamos a contextualização mais humana, preocupada com as problemáticas do fato noticioso e atento às histórias, os sujeitos locais importam e as prospecções envolvidas na pauta também, para além do jornalismo comumente praticado pelos meios tradicionais e comerciais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA**

A partir dessa prática jornalística mais humana, reconhecendo nas fontes primárias o potencial de suas histórias, o autor Ailton Krenak escreve em “Futuro Ancestral” um conceito relevante para nosso diálogo, entre Jornalismo e Amazônia. Para o poeta e filósofo originário, ao longo da sua trajetória como defensor da floresta, Meio Ambiente, povos originários e outras tantas interrelações de mundo a partir da natureza viva, visiona uma proposta de “aliança afetiva – que pressupõe afetos entre mundos não iguais”. (2022, p.82). Para Krenak, então, a aliança afetiva “[...] reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser [...]”. (KRENAK, 2022, p.82).

Para falar sobre a Amazônia é preciso reconhecer sua diversidade e ao mesmo tempo seu afastamento histórico do restante do país, e muitas vezes é distante em seu próprio estado e vizinhos, porque os interiores da região são de difícil acesso. O jornalismo nesse cenário precisa realizar uma ponte com os sujeitos que serão entrevistados. O conteúdo oficial, em especial de órgãos públicos, consegue-se com mais facilidade, os especialistas também, agora as fontes primárias, os moradores,

---

comunidades, ribeirinhos, povos indígenas entre outros, requer confiança e também “aliança afetiva”. O jornalismo independente progressista na Amazônia consegue tecer esses vínculos, além de possuir um olhar de respeito e cuidado com o desdobramento das histórias, pois compreende as diferenças dos mundos representados ali e o compromisso com o meio ambiente. Compreende as alteridades em jogo e escolhe contar as histórias.

## **2. 1 Metodologia**

Nesta pesquisa utilizamos a análise de conteúdo (KRIPPENDORFF, 1990) a qual possibilita organizar, compreender, categorizar, inferir e explicar objetivamente o estudo e a investigação deste trabalho. Segundo Klaus Krippendorff, o método se divide em cinco procedimentos básicos: “[...] os dados, tal como se comunicam o analista; o contexto dos dados; a forma pela qual o conhecimento do analista o obriga a dividir e explicar sua realidade; o objetivo da análise de conteúdo; a inferência como tarefa intelectual básica e a validade como critério de eficiência” (KRIPPENDORFF, 1990, p.36, tradução das autoras). Na análise de conteúdo, foi determinado como corpus de estudo os textos informativos das seis editorias, ao longo do primeiro semestre de 2024. Destarte foram selecionadas seis reportagens, uma de cada editoria e de um mês do semestre, definidos de forma intencional para fins da pesquisa. Essas seis reportagens são as unidades de registro – que são as partes importantes de uma unidade de amostragem. Na sequência da análise de conteúdo, definimos as fontes primárias (LAGE, 2001) como categoria de análise, para além de identificá-las nesta investigação será importante observar o que elas contam e agregam ao fato noticiado. Justificamos a categoria fontes primárias porque são importantes para se produzir o material informativo no jornalismo, que é o carro chefe do dia a dia da profissão. Nilson Lage (2001) divide as fontes em: primária, secundária, testemunhal, *expert* (especialista), oficial, oficiosa e independente. A primária, em que vamos nos embasar, é definida quando a partir da fonte se origina o fato gerador de interesse — que é o tema que determinará o interesse pelo fato se tornar um fato jornalístico. No caso de uma notícia sobre a economia circular na agricultura familiar numa região interiorana da Amazônia, por exemplo, a fonte primária seria os/as agricultores/as que estão explorando essa nova forma de economia e autossustentação.

---

A justificativa do período temporal selecionado deu-se por conveniência baseada no cronograma de pesquisa pós-doutoral<sup>4</sup> de uma das autoras, como também a abordagem qualitativa sobre as fontes entrevistadas, a qual por observação de outras pesquisas já realizadas pela autora (BASSI, 2020, 2022; BASSI & GUIDO, 2022) tendem a problematizar os conflitos locais e negociações possíveis a partir do ouvir o amazônida.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Então, para a análise temos na sequência de janeiro à junho de 2024, a começar pela Editoria de Economia & Negócios a reportagem: “Estilistas indígenas conquistam espaço na moda”. No mês de fevereiro na Editoria Povos Indígenas a reportagem: “Fogo atinge floresta da TI Yanomami e Hutukara pede providências”. Em março a Editoria Questão Agrária destaca a reportagem: “Líder da comunidade Marielle Franco (AM) denuncia tortura e é preso”. Na Editoria de Política, em abril: “Pará tem a pior insegurança alimentar do Brasil”. A Editoria Meio Ambiente em maio: “Ataques químicos estão mais intensos e agressivos no Maranhão”. No último mês, a Editoria de Cultura: “Rios são protagonistas de mostra virtual que reflete sobre a seca na Amazônia”<sup>5</sup>.

A reportagem da Editoria de Cultura problematiza a mostra de arte visual nas redes sociais do Projeto Muluca (mundo-lugar-casa), de Rondônia, no mês de junho. Essa mostra retrata a seca extrema que assolou a região em 2023, o título da mostra “Sonhar o rio: do direito à luta pela paisagem” evidencia o local de fala do artista e idealizador, Gabriel Bicho. Para o artista é muito importante a sociedade praticar a preservação e a manutenção dos rios amazônicos, bem como colaborar na educação ambiental, com consciência e agir coletivo. Ainda no texto, destacam-se 15 artistas compondo a mostra. Há o depoimento do comunicador indígena do povo Juruna, Josiel Juruna que tem fotografias na exibição. Para o artista, o rio retratado em seu trabalho expressa o conflito do antes e do depois da barragem da Usina Hidrelétrica de Belo Monte na região de Volta Grande do Xingu, no Pará. Era desse rio em que havia vida para os Juruna, das águas do Xingu eles pescavam, navegavam e mantinham suas relações com a natureza e com a

---

<sup>4</sup> Pesquisa: “Jornalismo na Amazônia: como o contar a história na produção jornalística pela Agência Amazônia Real evidencia um outro jornalismo possível para à prática jornalística” realizada no PPGCOM da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com supervisão da professora Dra. Círcia Maria Krohling Peruzzo.

<sup>5</sup> Para este resumo selecionamos, pelo espaço do formato até seis páginas, as análises de maio e junho, as demais devem compor o artigo completo, assim como a ampliação dessas duas.

---

vida, hoje há apenas a seca. Na reportagem há também mais duas fontes primárias, de artistas do norte do país que têm seus trabalhos na mostra.

O projeto Muluca é de caráter independente e sem fins lucrativos, faz a ponte do universo da arte nortista com o público diverso, via Bienal das Amazônias, redes sociais do projeto e outras parcerias com artistas independentes pelo país. Na reportagem sobre a mostra dos rios, como direito e resistência, a jornalista Nicolý Ambrosio traz a entrevista com o idealizador e também com três artistas independentes. As falas dessas fontes primárias são comprometidas com a preservação ambiental e o cuidado com o local onde moram e pertencem socioafetivamente.

Na reportagem “Ataques químicos estão mais intensos e agressivos no Maranhão”, publicada em maio na editoria Meio Ambiente, a repórter Nicolý Ambrosio traz o levantamento de várias organizações, líderes comunitários e moradores de problemas enfrentados pela sociedade local com a pulverização de agrotóxicos. Afirmam que de janeiro até maio deste ano, “organizações rurais contabilizaram 90 ataques químicos em 22 municípios maranhenses” (AMBROSIO, 2024, on-line).

O texto traz como fontes primárias moradores dessas localidades afetadas pelo agrotóxico, representantes do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Timbiras (STTR), da Rede de Agroecologia do Maranhão (Rama), coordenação da Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Maranhão (Fetaema). Trouxe as respostas das Secretarias de Estado do Meio Ambiente, de Estado da Segurança Pública, de Estado dos Direitos Humanos e Participação Popular.

As fontes de moradores também enviaram vídeos, evidenciando os problemas que assolam suas cidades e comunidades, vão desde doenças por meio da contaminação das águas à descarte de plantações e roçados inteiros, renda única de muitos moradores. A moradora Maria das Dores acredita “(...) que o veneno contamina o cacho [do arroz]. Ele já está todo maduro, mas o nosso medo é estar contaminado e a gente ser obrigado a comer porque não tem outro” (apud AMBROSIO, 2024, on-line).

Na fonte primária da moradora Maria das Dores e dos outros depoimentos, como da coordenadora da Fetaema e do sindicalista, verificamos a potência em suas vozes. São denúncias graves de problemas que caso não sejam sanados pela intervenção dos órgãos públicos podem gerar cânceres e outras doenças e, mesmo, levar a óbitos pessoas e outros animais. Esse contexto deve ser situado também a partir de outros agravantes, como os conflitos de terra, em especial numa região marcada por assassinato e impunidade.

Portanto, na reportagem é rico o conteúdo problematizado a partir dessas fontes, em depoimentos diversos, abrangendo mais de 90 comunidades afetadas. São falas que sustentam a denúncia e explicam suas histórias comoventes, de resistência permanente.

### CONTRIBUIÇÕES FINAIS

Ao analisar e aprofundar nas fontes primárias das reportagens, identificamos a prática jornalística da Agência de ater-se aos depoimentos e histórias dos sujeitos ouvidos. São histórias marcadas por mazelas na região amazônica. São histórias que fundamentam muitas denúncias e também são histórias de sujeitos comuns que apenas lutam para continuarem ali e vivos. Essas fontes primárias aos criarem laços de confiança com a Agência veem nela uma possibilidade de serem vistas e ouvidas, inclusas, pelo menos como reposta das autoridades envolvidas. No jornalismo desenvolvido na Amazônia, as histórias das fontes primárias é a ação de “aliança afetiva” (KRENAK, 2022) em que a Agência traça para o futuro do jornalismo, um outro jornalismo.

### REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA. Sobre a Amazônia Real. **Amazônia Real**, 2024. Disponível: <https://amazoniareal.com.br/por-que/>. Acessado em em 26 de jun. 2024.
- AMBROSIO, Nicolý. **Agência Amazônia Real**. Ataques químicos estão mais intensos e agressivos no Maranhão. Maio de 2024. Disponível: <https://amazoniareal.com.br/ataques-quimicos-estao-mais-intensos-e-agressivos-no-maranhao/>. Acessado em 26 de jun. 2024.
- \_\_\_\_\_. **Agência Amazônia Real**. Rios são protagonistas de mostra virtual que reflete sobre a seca na Amazônia. Disponível: <https://amazoniareal.com.br/rios-sao-protagonistas-de-exposicao-que-reflete-sobre-aseca/>. Acessado em 26 de jun. 2024.
- BASSI, Ingrid Gomes. Agência Amazônia Real e o protagonismo da região norte do Brasil. In: 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022, João Pessoa - PB. **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 5 a 9 de outubro de 2022, E [recurso eletrônico]: Ciências da Comunicação contra a Desinformação. João Pessoa - PB: Intercom e UFPB, 2022. v. 1. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/listaautorgp.php#1>.
- BASSI, Ingrid Gomes; GUIDO, Laura. Análise Jornalística da Agência de notícias digitais “Amazônia Real”. In: Caroline Luvizotto; Cláudia Assis. (Org.). **Urgência Afirmativa**. 1ed. Aveiro - Portugal: Ria Editorial, Portugal, 2022, v. 1, p. 204-230. Disponível em: <http://www.rieditorial.com/index.php/urgencia-afirmativa/>.
- BASSI, Ingrid Gomes. Perspectiva socioambiental no discurso jornalístico do site da Agência Amazônia Real. **REVES - Revista Relações Sociais**, v. 3, p. 0107-0121, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revs/article/view/9811>.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- KRIPPENDORFF, K. **Metodología de análisis de contenido. Teoría y práctica**. Barcelona-Buenos Aires- Mexico: Ediciones Paidós, 1990.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia da Letras, 2022.